

MEMÓRIA DAS FAMÍLIAS NEGRAS DOS IMIGRANTES NO PÓS-ABOLIÇÃO NO ESTADO DE SÃO PAULO

Palavras-Chave: MEMÓRIA COLETIVA, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, PÓS-ABOLIÇÃO.

Autores/as:

ISABEL DE SOUZA SANTANA, IFCH, UNICAMP

Prof.^(a) Dr.^(a) MATHEUS GATO DE JESUS (ORIENTADOR), IFCH, UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Em 1988, as professoras e historiadoras Maria Lurdes Janotti e Sueli Robles de Queiroz, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH – USP), realizaram uma pesquisa de coleta de depoimentos de famílias negras no estado de São Paulo sobre as memórias da escravidão, intitulada “Memórias da Escravidão em Famílias Negras em São Paulo”. Na busca por inaugurar uma metodologia de estudo baseada em memória oral, a pesquisa reuniu uma coleção de 114 relatos de vida sobre o pós-abolição no estado paulista, distribuídos em diferentes gerações.

A coleção, atualmente mantida no Centro de Apoio à Pesquisa em História Sérgio Buarque de Holanda (CAPH) da FFLCH-USP, já foi utilizada em diferentes pesquisas e teses. Entre setembro de 2024 até maio de 2025, voltei-me ao material para desenvolvimento da minha iniciação científica, investigando a percepção das famílias negras sobre os

imigrantes europeus que chegavam ao estado de São Paulo durante o pós-abolição. Compreendendo que existem lacunas consideráveis entre a literatura sobre os imigrantes europeus e os negros recém-libertos da escravatura (Andrews, 1998 e Monsma, 2016), reconhecemos nos relatos de vida a possibilidade de desnaturalizar as categorias “imigrante” e “negro” e analisar o processo de percepção e interação racial a partir da perspectiva negra, em especial de famílias negras do interior do estado de São Paulo, abrangendo como a memória dos imigrantes europeus foi significada pelas as famílias dos descendentes daqueles que viveram o tempo da escravidão no Brasil.

Para realização dessa pesquisa, uma etapa de suma importância foi à digitalização da coleção e a construção de um banco de dados com as informações dos entrevistados, incluindo cidade, geração, idade, sexo, nacionalidade, número de filhos, raça ou cor, estado civil, nível de instrução, ocupação, ocupação já exercida e endereço. A catalogação destas informações

permite o controle do acervo, a construção de tipos sociais para análise dos relatos de vida e permite a comparação com outras pesquisas que estudam relações inter-raciais no pós-abolição. Para além disso, a digitalização terá como resultado a possibilidade que o material circule com maior alcance, uma vez que pesquisadores e o público em geral poderão acessá-lo remotamente pelo CAPH.

O seguinte paper apresenta os resultados dessa etapa do processo, a descrição do acervo e os cruzamentos das informações coletadas a fim de relatar os tipos sociais encontrados na coleção, divulgar novos desenvolvimentos e capturar as hipóteses da análise dos relatos de vida.

METODOLOGIA:

Para analisar os relatos de vida da coleção “Memórias da Escravidão em Famílias Negras em São Paulo”, a primeira etapa da pesquisa implicou na pesquisa descritiva da totalidade do material documental do acervo e criação um banco de dados sobre os depoentes, com informações sobre localidade, geração, idade, sexo, nacionalidade, número de filhos, raça ou cor, estado civil, nível de instrução, ocupação, ocupação já exercida e endereço.

Para a realização do banco de dados, analisamos as fichas dos depoentes, na qual os entrevistados utilizaram suas próprias categorias para responder suas características e ocupações. Dessa maneira, as informações não estavam agrupadas nem padronizadas. Ao manter essas

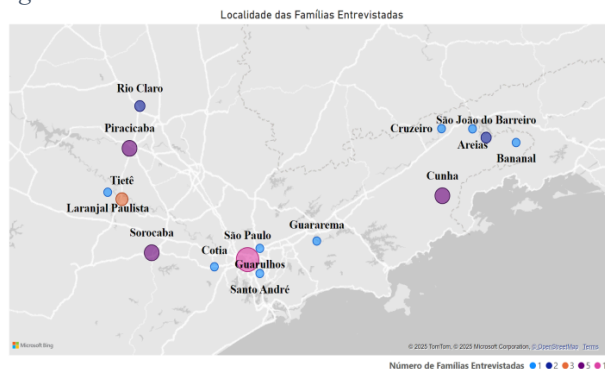
categorias nativas encontramos a diversidade do mundo social e, para o seguinte paper, mantemos essas categorias na apresentação dos resultados preliminares, com exceção da categoria de nível de instrução, agrupada a fim de possibilitar a análise de escolaridade.

Os eixos de análise como aqui apresentados alimentam a segunda etapa do projeto, a interpretação dos relatos de vida. A análise das entrevistas está sendo realizada a partir da abordagem etno-sociológica (Bertaux, 2005), buscando operacionalizar a investigação de relatos de vida já coletados para compreender como as relações raciais se reestruturam ao longo do tempo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Reunidos, na coleção “Memórias da Escravidão em Famílias Negras em São Paulo”, estão 114 depoimentos de 44 famílias negras. Os relatos foram coletados no estado de São Paulo, concentrando-se no Vale Paraíba e parte do Centro Oeste Paulista, além da capital, São Paulo.

Figura 1 - Localidade das Famílias Entrevistadas



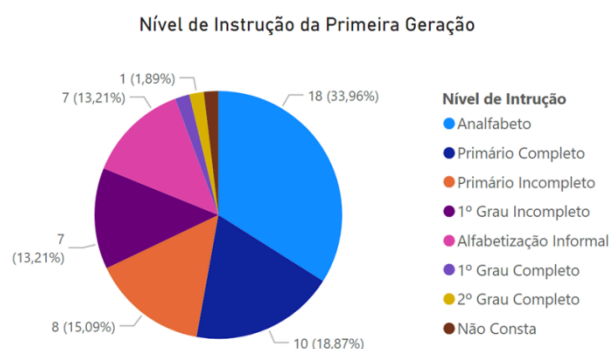
Fonte: Elaboração própria.

Em cada família de entrevistados, existe uma média de três gerações familiares entrevistadas (com laços de primeiro grau familiar, são mães, tios, sobrinhos, filhos, netas). São 129 depoentes, dos quais são: 81 mulheres e 47 homens, com faixa etária de 18 até 106 anos de idade. Segundo as fichas dos depoentes, a maioria dos entrevistados declara-se analfabetos ou ter até o primeiro grau incompleto. As ocupações declaradas mais recorrentes são de aposentados e prendas domésticas, seguido de trabalhos no campo e domésticas. Ao declarar raça ou cor, diferentes categorias raciais emergem, entre elas: negra, preta, mulata, mulata-clara, mulata-escura, parda e branca - é do interesse da pesquisa compreender essas classificações a partir da análise das histórias de vida. Separados neste trabalho, apresento dois eixos de análise: as diferenças entre os depoentes a partir das diferentes gerações (1ª, 2ª e 3ª) e as diferenças entre perfil dos residentes na capital e no interior. A capital, chamada aqui de grande capital, inclui as cidades de São Paulo, Guarulhos e Santo André, e no interior, estão as demais cidades da coleção.

Na primeira geração são 53 entrevistados, 33 mulheres e 20 homens. A faixa etária varia de 49 a 106 anos, sendo 40% dos depoentes de 71 até 80 anos. A maioria é analfabeta, 33,96% das respostas (18 entrevistados), seguida por 18,87% com primário completo, 15,09% com primário incompleto, 13,21% com alfabetização informal. A média de filhos por entrevistado é 6. Da

ocupação exercida durante o relato, 38% declaram-se aposentados. Nas ocupações já exercidas, 36% dos respondentes já desenvolveram ocupação de lavrador. É interessante também descrever que 36 dos entrevistados, 70%, também migraram durante a vida, tendo a cidade de nascença diferente da qual foi entrevistada.

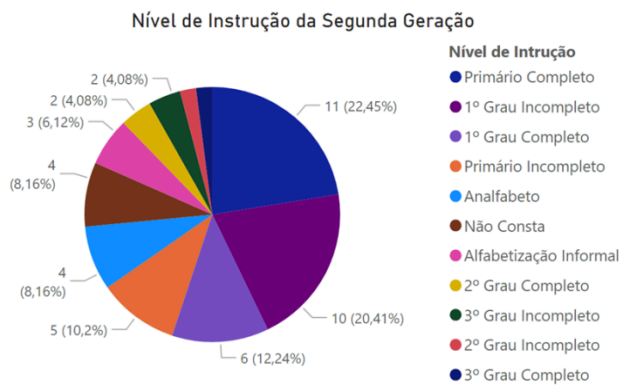
Figura 2– Nível de Instrução da Primeira Geração



Fonte: Elaboração própria

A segunda geração já conta com 49 entrevistados, 33 do sexo feminino e 16 do sexo masculino. Estão entre 28 e 65 anos de idade, 35% entre 51 e 60 anos. São na maioria casados, com 22,45% com nível de instrução até o primário completo, 20,41% com primeiro grau incompleto e 12,24% com primeiro grau completo. A média de filhos é 2,5. A ocupação mais exercida é aposentada e prendas domésticas. A ocupação já exercida é a de doméstica e prendas domésticas, seguido de lavradores. A maior parte dos entrevistados, 26 depoentes, 53% do total, permanecem na mesma cidade em que nasceram.

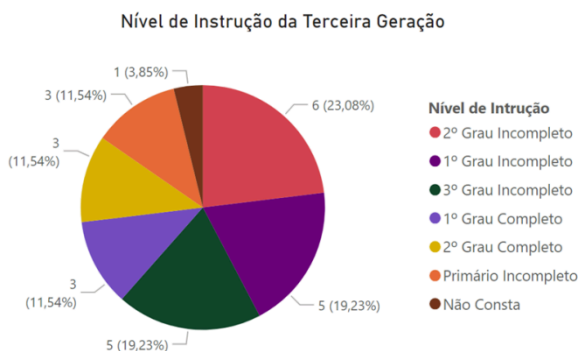
Figura 3 – Nível de Instrução da Segunda Geração



Fonte: Elaboração própria

Já a terceira geração de entrevistados são 26 depoentes, 15 mulheres e 11 homens. Tem entre 18 e 39 anos, com 65% dos entrevistados entre 25 e 35 anos. Essa é a única geração cuja maioria é solteiro, 50%, e que também não consta depoentes analfabetos. A maioria com segundo grau incompleto, seguido de primeiro grau incompleto e terceiro grau incompleto. A média é de 1,3 filhos. A ocupação mais comum são prendas domésticas e domésticas. Já na ocupação antes exercida, a maioria consta como estudante, doméstica, prendas domésticas e nenhuma. Dos entrevistados, 19 deles, 73%, permanecem na mesma cidade em que nasceram.

Figura 4 – Nível de Instrução da Terceira Geração

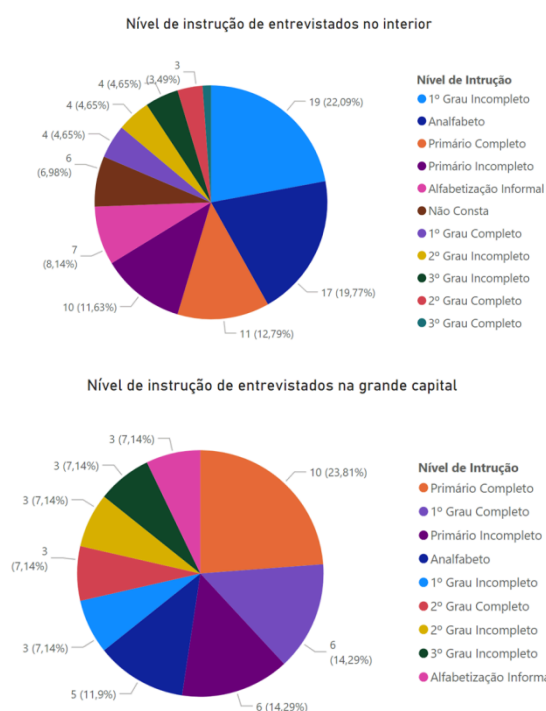


Fonte: Elaboração própria

A análise dos dados adquiridos ainda está em fase de desenvolvimento. O recorte geracional permite algumas primeiras observações, como à queda do número de filhos e maior escolaridade nas gerações mais novas. A escolaridade, no entanto, não muda o perfil de ocupação exercida. Isso ocorre especialmente entre as mulheres entrevistadas, que permanecem com ocupações na área dos cuidados, com ênfase no trabalho doméstico realizado no próprio lar ou para terceiros.

Já na diferença entre interior e grande capital, as principais diferenças são encontradas na média de filhos, migrações, nível de instrução e característica das ocupações exercidas. Enquanto na grande capital a média de filhos é 2,8, no interior são 4,8. Em relação à migração, na grande capital, a maior parte dos entrevistados tem a cidade de nascença diferente da qual reside durante a entrevista, com 69% dos depoentes (29 relatos), enquanto no interior do estado de São Paulo, as famílias negras residem ainda na mesma cidade, com 56,6% (47 relatos). Ao comparar o nível de instrução, é interessante marcar que há um maior número de analfabetos no interior, e o nível de escolarização é relativamente maior na grande cidade.

Figura 5 – Nível de instrução das entrevistas no interior e na grande capital



Fonte: Elaboração própria

Em relação às ocupações exercidas, a área de cuidados permanece a maioria para as mulheres entrevistadas, tanto no interior como na capital, mas, nas ocupações declaradas por homens, é evidente a diferença. Para eles, no interior prevalece à ocupação de aposentados e lavradores, na grande capital destacam-se aposentados e atividades ligadas ao comércio. Comparando a capital e o interior é possível mapear as semelhanças e diferenças que transparecem nas percepções raciais orientadas pela localidade e os arranjos de trabalho possíveis.

CONCLUSÕES:

A memória coletiva e os relatos orais são uma ferramenta potente que possibilita valorizar a agência negra nos fenômenos sociais e permite rever os apagamentos promovidos pela falta de

registros escritos, além de revelar processos sociais ligados à memória. Assim, os depoimentos desses agentes antes silenciados permitem abrir-se o campo de pesquisa para formulações diferentes daquelas anteriormente destacadas pelas formas tradicionais de pesquisa.

A descrição do perfil dos entrevistados permite a comparação com outras pesquisas que organizam como interagem negros e imigrantes no pós-abolição, seguindo idade, gênero, ocupação e localidade, provando também a diversidade da amostra coletada. Para mais, essas informações permitem o controle dos depoimentos coletados, necessário para a própria etapa da pesquisa: a análise das histórias de vida das famílias negras.

BIBLIOGRAFIA

ANDREWS, G. R.. Negros e brancos em São Paulo (1888-1988). Bauru: Edusc, 1998.

BERTAUX, D. Los relatos de vida: Perspectiva etno-sociológica. Barcelona: Bellaterra, 2005.

MONSMA, Karl. A reprodução do racismo: fazendeiros, negros, e imigrantes no oeste paulista, 1880-1914. São Carlos: EdUFSCar, 2016.